3 1761 07039605 6

Chiappe Cadet, Maria Rita
A mascarada infantil

PQ
9261
C533M3

MARIA RITA CHIAPPE CADET

O THEATRO DAS CRIANÇAS

A MASCARADA INFANTIL

Comedia em um acto

LIVRARIA EDITORA
M.me MARIE FRANÇOIS LALLEMANT
22, Rua do Thesouro Velho, Lisboa

LIBRAIRIE DE Mme MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

LISBONNE, 22 RUA DO THESOURO VELHO 22, LISBONNE

Publications religieuses, classiques et d'éducation, ouvrages de législation, administration, commerce, finances, histoire, biographie, ethnographie, voyages, romans, théâtre, poésies, sciences médicales, mathématiques et naturelles, art militaire et marine, archéologie, industrie, construction et agriculture.

On trouve aussi une belle collection d'ouvrages illustrés reliés avec ornements et des livres pour enfants avec gravures coloriées pouvant être donnés, soit comme cadeaux dans les familles, soit comme prix dans les colléges. Imagerie de luxe en tous genres.

Abonnements aux journaux Politiques, Littéraires et de Modes

OUVRAGES POUR L'ÉTUDE DES LANGUES:

Portugaise, Française, Espagnole, Anglaise, Italienne et Allemande

DERNIÈRES NOUVEAUTES LITTÉRAIRES

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/mascaradainfanti00chia

MARIA RITA CHIAPPE CADET

THEATRO DAS CRIANÇAS

A MASCARADA INFANTIL

COMEDIA EM UM ACTO

Á VENDA:

LIVRARIA EDITORA DE MADAME MARIE FRANÇOIS LALLEMANT

LISBOA, 22 — RUA DO THESOURO VELHO, 22 — LISBOA

1883

PQ
9261
C533M3
LIBRARY
JUN 26 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Ao distincto actor

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS

Cavalleiro de S. Thiago, Commendador de Izabel de Hespanha,
Professor de declamação do Real Conservatorio de Lisboa

PARA SUAS DISCIPULAS

DEDICA

A auctora.

A MASCARADA INFANTIL

TRES PERSONAGENS

PERSONAGENS

LYDIA.	10 annos
NOEMI.	9 »
FLORINDA, *creada*...	16 »

Actualidade

A MASCARADA INFANTIL

Acto Unico

O theatro representa um quarto de estudo. Porta ao fundo, portas lateraes, um toucador, um balde: do outro lado um guarda fato ou uma commoda, um sophá, uma secretária com livros, candieiro com abat-jour, um castiçal com vela sobre o toucador e um outro sobre uma pequena mesa junto ao sophá.

Scena I

NOEMI E LYDIA

NOEMI *(assentada á secretária, escreve; Lydia n'um sophásinho, faz crochet, tendo ao pé de si uma pequena meza onde está uma vela. Ouvem-se* 8 *horas. Larga a penna e volta-se para a irmã)*

Oh! Lydia, não largarás o teu eterno crochet?! Não te posso vêr sempre agarrada a esse monumento de algodão, que tem mais rendilhados que o convento da Batalha.

LYDIA *(sorrindo)*

Que mal te faz o meu pobre *crochet*? Já estudei as lições todas... A mamã, quando saiu, disse-me que estivesse muito quieta: de sorte que fazendo *crochet* entretenho-me e estou socegada.

NOEMI

É que são tão tristes estas horas que passamos sósinhas quando a mamã sae!

LYDIA

Então? Paciencia! Mais tarde, em crescendo, nos parecerão alegres, porque iremos com ella.

NOEMI

Sim, mas é que eu estou tão aborrecida, tão impaciente!... Olha, vamos brincar... larga isso! *(tira-lhe o crochet da mão)*.

LYDIA *(segurando o crochet)*

Devagar, devagar, que me fazes perder as malhas! Que menina esta, tão desenvolta!

NOEMI

Desenvolta! Eu! Ha um quarto de hora que estou ali muda como um peixe, a resolver um problema. Queres brincar ou não queres? *(fazendo piruetas)*.

LYDIA

Quero. Mas que pensas tu fazer?

NOEMI

A mamã foi a um baile, poderiamos tambem fingir que vamos ao baile... Mascaremo-nos.

LYDIA

Estás doida?! Com que fatos?

NOEMI

Com os que a mamã e o papá levaram no anno passado a S. Carlos. Estão ali no gavetão do guarda-vestidos do meu quarto.

LYDIA

Vá lá, mas depois de brincarmos é preciso tornar a arranjar tudo.

NOEMI

Ora! mette-se nas gavetas, e está prompto.

LYDIA

Sim, a trouxe-mouxe.

NOEMI

Quando virem, pensam que foram os ratos.

LYDIA *(rindo)*

Ah! ah! ah! os ratos a desarrumarem gavetas e a desdobrarem fato! Tem graça!

NOEMI

Mas o peior é que a Florinda não tarda a trazer-nos o chá!

LYDIA

É verdade!... Fingiremos estar com dôres de cabeça; não comemos; tomamos só o chá e vamo-nos deitar; ella retira-se e não torna. Depois brincamos. E' verdade que isto de não comer...

NOEMI

Tenho ali, na gaveta da commoda, pastilhas de chocolate e biscoitos de *la Reine*.

LYDIA

Viva! Então nada nos falta. Mascaras, doces... E para beber?

NOEMI *(rindo)*

Agua da garrafa do toucador; se não fôr bastante, o jarro está cheio.

LYDIA

Ahi vem a Florinda.

Scena II

AS MESMAS E FLORINDA

FLORINDA *(entra, trazendo uma bandeja com duas chavenas, bule, assucareiro, fatias, etc., que põe sobre a secretária onde Noemi lhe faz logar, affastando os livros e os papeis. Lydia assenta-se no sophá, encostando a cabeça ás mãos)*

Vamos, vamos, meninas, que o chá esfria *(áparte)* e eu estou com pressa.

LYDIA

Não tenho vontade de comer; doe-me a cabeça. Vae abrir as camas, queremo-nos deitar.

FLORINDA

O que? Já? Sem tomar chá? Estão doentinhas, meus amorsinhos? *(áparte)* Que pexincha! Querem deitar-se; mais cedo me vou. Temos esta noite folia com as outras creadas no alto da eira. *(Pega na vela que está sobre a mesa e vae para a direita).*

NOEMI *(aproxima-se da mesa,*
pega rapidamente nas duas chavenas e vae despejal-as no balde.
Lydia toma os guardanapos, dá um á irmã
e ambas estão limpando a bocca
quando passa a creada com a vela na mão para o outro lado)

Prompto!

FLORINDA *(parando)*

Ah! sempre tomaram o chásinho, minhas joias? Assim vão mais quentinhas para a cama. *(entra para o outro quarto levando a vela que está sobre o toucador).*

NOEMI *(áparte)*

Sim, espera por essa.

LYDIA *(a rir)*

Estás-me enthusiasmando com a tua alegria! Brilham-te os olhos que parecem dois diamantes negros! Tomára já que a Florinda se aviasse para ficarmos livres!

NOEMI *(aos pulos mas com cautella, para a criada não ouvir)*

Viva a liberdade!...

FLORINDA *(sahindo do quarto da esquerda,*
com uma lamparina accesa, que põe sobre o toucador)

Vamos, minhas ricas meninas; prompto. *(as duas irmãs abraçam-se).*

NOEMI

Boa noite, Lydia; até amanhã.

LYDIA

Boa noite, Noemi. *(Noemi entra para o quarto. Lydia pára á porta do seu e volta-se para a creada)* Escusas de vir depois ao meu quarto: já sabes que não gosto de que entrem, sobre tudo quando tenho dôres de cabeça, porque acordo sobresaltada e não torno a adormecer. *(fecha a porta).*

NOEMI *(deitando a cabeça de fóra da porta, com a coifa de dormir e ameaçando comicamente Florinda com a mão)*

Despeço-te amanhã sem piedade, ponho-te no meio da rua, se tens a desgraça de pôr o pé no meu quarto e de me acordares.

FLORINDA *(rindo)*

Não venho, não, fiquem descançadas. *(áparte)* Não torno cá senão um minuto antes da senhora vir, para deitar azeite na lamparina *(reparando n'esta)* que já tem bem pouco; — está aqui, está apagada! *(Arranja os moveis apaga o candieiro da secretária, leva a bandeja com as chavenas e sae cerrando a porta.*

Scena III

NOEMI E DEPOIS LYDIA

NOEMI *(apenas a creada sae, passa, carregada de fato, para o quarto da irmã, e diz, baixinho)*

Lydia, Lydia, aqui está o teu fato. Arranja-te

depressa, que eu vou para o meu quarto e lá me visto; tem mais graça fazermos surpreza uma á outra.

LYDIA *(abrindo a porta)*

Que trazes ahi?

NOEMI

Tu verás: é o fato da mamã. Anda depressa, que eu vou fazer o mesmo. o que tem graça é o imprevisto. *(Volta para o quarto).*

Scena IV

FLORINDA *(entreabre a porta, deita a cabeça para um e outro lado e escuta, sem entrar)*

Que socego! Dormem que nem uns porquinhos! Ora, as dôres de cabeça eram de somno. Bem, creio que posso ir descançada: agora já não acordam senão pela manhã. *(vae-se, fechando a porta, e com o vento que faz apaga-se a lamparina, ficando a scena ás escuras).*

Scena V

NOEMI *(sae da direita, com uma enorme cabelleira de rabicho, chapeu de tres bicos, colete de selim, que lhe desce até á altura da saia, e a casaca de thesoura com os bicos arrastando no chão: grandes folhos nos punhos e no pescoço; tira encanudada no peito; um grande bastão; pendente do pescoço uma luneta. Traz na mão o castiçal com vela accesa, que põe sobre a pequena mesa junto do sophá. Dá duas voltas ao longo da scena, imitando comicamente o andar de um velho, apoiando-se no bastão e assestando a luneta)*

Scena VI

NOEMI E LYDIA

LYDIA *(abre a porta e entra disfarçada em velha, com um vestido muito esguio, de seda antiga, grande cabelleira de canudos brancos e uma especie de toucado com grandes folhos. Como o fato é da mamã está todo muito largo e comprido. Vê-se que anda ridiculamente contrafeita. Traz um indispensavel enfiado no braço, e um leque. As duas irmãs, ao encararem uma com a outra, não se podem suster e desatam a rir)*

NOEMI

Vá de seriedade, Lydia; vamos fazer aquella scena dos velhos, que vimos pelo carnaval em casa das primas Albuquerques; lembras-te?

LYDIA

Vamos a vêr; começa tu.

NOEMI *(tira o chapeu, mette-o debaixo do braço e adianta-se toda curvada para Lydia, que a espera muito direita e empertigada)*

Minha Dona Briolanja
essa sua bisarria
faz que a Vossa Senhoria
eu toda a importancia dê;
fico parvo, embasbacado,
ao vêl-a assim tão guapa;
e o coração se solapa *(pondo a mão no peito)*
desculpe...

LYDIA *(abanando-se com desdem)*

Não tem de quê.

(toda requebrada) Don Ansures, essas fallas
de alcance tão infinito,
dão-me quasi um faniquito!
(procurando no indispensavel) Onde estarão os meus saes?

NOEMI

Briolanja, eu vou buscal-os
mesmo até ao fim do mundo...
(Lydia vacilla)
Se este affecto é tão profundo!
Segura-te... olha que caes...

LYDIA *(assenta-se no sophá, e Noemi entra para o quarto fingindo um velho tropego. Lydia pucha o vestido, toma uma posição muito affectada, e ao abrir o leque bate no castiçal, fazendo cair a vela, que se apaga)*

Ah!!!

NOEMI *(entrando com o vidro dos saes)*

Então, que graça é esta, Lydia? tudo ás escuras!... Eu apaguei a minha vela porque tinhamos outra cá fóra. Porque rasão apagaste a tua e escondeste a lamparina?

LYDIA *(levantando-se, como para ir ao encontro da irmã)*

Qual esconder nem meio esconder! Caiu-me o castiçal no chão, apagou-se a luz, e a lamparina creio que já estava apagada antes d'isso!

NOEMI *(amofinada)*

Ora esta! *(dá alguns passos ás apalpadellas. Com voz triste).* Sabes que não tem graça

nenhuma, brincar ás escuras? *(Lydia deixa cair o leque)* Jesus! *(vira a cabeça, e o rabixo da cabelleira bate-lhe no hombro)* Que medo! Lá me deram uma palmada! *(quer fugir para o lado da irmã e vae tropeçando em tudo)* Ah!... *(aterrada).*

LYDIA

Espera, não andes á roda; pára, que eu vou ter comtigo. *(começa a andar, mas sempre do lado opposto sem poder alcançar a irmã; afinal acha o braço do sophá e assenta-se extenuada; Noemi vem vindo do outro lado e dá com o sophá, mas ao assentar-se sentem-se uma tocar na outra, e dão ambas um pulo e um grito.*

Credo!...

LYDIA *(socegando-a)*

Não tenhas medo; até que afinal nos encontrámos!... Quanto melhor fôra termos ido para as nossas caminhas! Assim, ás escuras, nem brincamos nem dormimos!...

NOEMI

Eu vou á porta do corredor chamar a Florinda. *(vae levantar-se, mas torna-se a assentar muito depressa)* Não, não, tenho medo!...

LYDIA *(levantando-se)*

Então, vou eu; espera!

NOEMI *(agarrando-a)*

Não, mana da minh'alma, não vás!... *(Impaciente)* Ora esta!... ora esta!... Estou tão mal

n'estes trapos!... Faz-me tanto peso a cabelleira... tanto calor! *(sacode a cabeça).*

LYDIA

Então, que fazemos? Começo deveras a ter somno. O melhor de tudo, já que não podemos despir-nos nem conseguimos brincar, é ficarmos aqui: vamos dormir!

NOEMI *(resignada, mas triste)*

De todas as maneiras, não podemos encobrir a nossa diabrura!... mas ao menos, Lydiasinha, *(aconchegando-se com a irmã)* dá cá a mão, para eu sentir que estás ao pé de mim. Tenho tanto medo!... *(dadas as mãos, formam graciosamente um grupo e adormecem).*

Scena VI

AS MESMAS *(adormecidas)* E FLORINDA

FLORINDA *(entreabre a porta; traz uma vela accesa, e uma almotolia. Entra sem vêr as crianças)*

Deixa-me arranjar a lamparina, que a senhora não tarda.—Olha, estava apagada! Tambem, quem dorme não precisa luz. *(accende-a)* São horas. *(volta-se e dá com as meninas no sophá).* Santo nome de Maria! Que é isto?! Então, as duas meninas não quizeram tambem divertir-se? Ora esta!... *(ouve-se a campainha do portão — afflicta)* Não tenho tempo de accordal-as e de despil-as nem de esconder tudo isto!... Valha-me Deus!... É o castigo da minha desobediencia! Se fizesse o que a senhora me recommendou, que me não tirasse do pé

d'ellas!... Mas as meninas, tambem, foram finorias... souberam enganar-me!... *(escuta)*. Ahi vem a senhora... coitadinhas! *(olhando para as pequeninas)* como dormem! *(para o publico)* Ainda assim, bom será que a mãe as veja! Ficam tantas vezes sós em casa!... Talvez isto lhe dê idéa de organisar umas pequenas festas infantis, em que ellas se divirtam, sem precisarem fazer mascaradas ás escuras!

CAE O PANNO

UM DIA DE ANNOS

MONOLOGO

offerecido á interessante menina

EUGENIA ANDREMAD SILVA

Pela Auctora.

UM DIA DE ANNOS

MONOLOGO

A scena representa uma sala ; porta ao fundo, janella lateral ; mobilia *ad libitum*.

EUGENIA (*entra, trazendo debaixo do braço direito uma grande caixa de papelão comprida; outra do lado esquerdo ; na mão direita uma mais pequena, e na esquerda um ramo de flôres naturaes. Põe tudo sobre as cadeiras e olha para o publico*)

É o dia dos meus annos! Estou contentissima! Um bello dia para mim! Na verdade, minhas senhoras e meus senhores, não caibo na pelle, como diz a minha creada, ás vezes, com tanta alegria! Mas é que um dia de annos é realmente encantador! Que pena durar... um só dia... e ser... só!... uma vez cada anno!

A mamã tinha-me promettido, — se eu me portasse bem, já se deixa vêr, — uma boneca muito grande, muito grande, do tamanho dos meninos, quando chegam de França dentro das condecinhas.

Ora, esta manhã, imaginem Vossas Excellencias, o que faz um dia de annos!!!

Em vez de eu ir, como de costume, dar os bons dias ao papá e á mamã, quando acordei, apenas abri olhos encontrei-os a ambos, inclinados sobre a minha caminha e contemplando-me com um olhar de ternura... oh! que amor que lhes li no semblante!

Ergui-me d'um salto, já se vê, e achei-me em um instante suspensa ao pescoço de ambos, formando entre elles o verdadeiro hyphen ou traço d'união, tão aborrecido quando se estuda grammatica e tão agradavel quando se trata de abraçar ao mesmo tempo o papá e a mamã.

— «Depressa, filhinha, veste-te» — e foi dito e feito, vesti-me, resei, lavei-me, penteei-me e... fiquei prompta.

Que prazer! Um diluvio de presentes!... uma caixa de papelão... mais outra... ainda uma mais pequena... e depois, entre dois beijos, um embrulhinho de papel côr de rosa, um rebuçado *(com intenção)* que me deu o papá para comprar o que quizesse!

Oh! não ha dia mais feliz do que este!... sobre tudo para quem tem a felicidade de possuir os seus queridos paes!... Ha tantas que os não têm! *(com tristeza)* Um dia da semana passada vi eu, debaixo das nossas ja-

nellas, uma pobre pequenita de cinco ou seis annos, toda coberta de lucto, que estendia a mãosinha aos que encontrava, pedindo esmola. Era tão magrinha! tão pallida, que bem se via que as mais das vezes teria apenas pão secco para comer. Minha mãe deu-lhe uma esmolinha e disse-me que era uma pobre orphã. Não comprehendi lá muito bem o que queria dizer, mas quando fui para o collegio perguntei á minha amiga Anna d'Almeida, e ella explicou-me que era o nome que se dava ás crianças que tinham tido a desgraça de perder pae e mãe. Oh! coitadinha! *(juntando as mãos e recitando com sentimento).*

P'ra os que, sem pae nem mãe, vivem na terra errantes,
Os dias não tem sol, os astros fulgurantes
Não doiram com seu brilho as noites do infeliz!
Oh! meu Deus! Que contraste! *(animando-se)* Eu tão feliz, agora,
Tenho pae, tenho mãe, ambos meu peito adora,
E grato o coração o Eterno Ser bemdiz.

Mas, *(voltando para junto das caixas)* vejamos os meus presentes... saibamos a quanto montam os meus thesouros... *(desata os nós dos cordelinhos, e levanta a tampa d'uma caixa, que não é a maior, nem a mais pequena)* Ah! que lindeza! Uma boneca! *(Toma-a nos braços)* Sim, sim, é a minha Lavinia! Ella hade ter um nome, pois não acham? *(para o publico)* Como é grande! Como é bonita! E' uma amiguinha para me fazer companhia. Que pena que não falle! Oh! como vamos ser felizes, Lavinia! Que jantarinhos faremos juntas e que bellos somninhos dormirás no meu collo, quando eu te acalentar, cantando-te como canta a mãesinha para

adormecer os manos. *(acalentando a boneca, cantando ou recitando).*

Quem tem filhinhos pequenos
por força lhe hade cantar.
Quantas vezes a mãe canta
com vontade de chorar!...

Lá isso é que eu não tenho; estou contente como nunca estive! Bem! *(para a boneca)* Agora assenta-te aqui. *(assenta a boneca sobre uma cadeira de braços)* Vou tratar de vêr o que está nas outras caixas — *(Desata os cordões da caixa maior e olha para dentro sem mexer).* Uma mobilia!... um guarda roupa... cadeiras... toucador... e... e... logo fallaremos... *(abre a ultima caixa, tirando para fóra um chapeu de boneca)* Chapeus... vestidos... um enxoval completo!... Ah! que felicidade! Quem me dera que chegassem já as minhas amiguinhas do collegio e as primas Zuzartes e a Antoninha Guimarães, todas, todas, para brincarem com a minha boneca e partilharem a minha alegria!

Vou vêr se ellas vêm. *(vae para a janella, abre-a e deita a cabeça de fóra; depois de um instante volta para dentro com ar pezaroso)* Lá está ella, outra vez, a orphãsinha de quem lhes fallei ha pouco. Eu tão feliz, e ella sem ter, talvez, almoçado ainda! Parece-me mais pallida e mais abatida do que estava quando a vi pela primeira vez. Não póde deixar de ser, heide repartir com ella a minha ventura; sem isso, Deus não me abençoaria.

Tenho aqui o rebuçado que me deu o papá esta manhã. *(tira do bolsinho)* Vejamos quanto é. *(desembrulha)* Ouro!... quatro mil réis!... Chega

ao menos para cinco ou seis merendas... Quantas cousas se poderiam comprar com elles! Mas não, o impulso do coração é mais forte; Deus manda soccorrer os necessitados. *(vae á janella e debruça-se, fallando para fóra)* Pequena, menina anda cá! *(olha para dentro)* Ella ahi vem a correr. *(volta-se para a rua)* Toma, *(deita o dinheiro)* é para ti. Vae comer! *(fica olhando para a rua, depois fecha a janella e vem ao centro.)* Ai! que alegria! O papá tinha-me dito — «Faze o que quizeres»—Não foi preciso pensar muito tempo! E não me arrependo... *(olhando para a boneca)* Ah! Lavinia, minha Lavinia, tive tentações de te dar tambem de presente, mas... faltou-me o animo! A casa da pobresinha deve ser tão triste e tão sombria que ias lá morrer de medo!... Agora vou brincar comtigo. Ella tambem hade estar contente. *(ouve-se tocar uma campainha de porta).*

Ahi vêm as minhas amigas. Vou recebel-as *(pega na boneca e no ramo de flôres, voltando-se para o publico).*

Se a esmola preferi, á orphã acudindo
eu sinto-me exultar, feliz como ninguem!
Dos labios de meus paes já creio estar ouvindo
Dizer com meigo accento: «amor, fizeste bem!»

Se o mesmo vós dizeis, bondosos, como espero,
se um *bravo* me enviaes, senhoras e senhores,
então, serei ditosa, oh! sim, nada mais quero!
e o meu anniversario é todo riso e flôres.

FIM

1883

Lallemant Frères, Typ. Lisboa

FORNECEDORES DA CASA DE BRAGANÇA

6, Rua do Thesouro Velho, 6

Livraria de M.me Marie François Lallemant

BIBLIOTHECA ROSA ILLUSTRADA

Obras ornadas com as mais interessantes gravuras proprias para offerecer como presente, ou para se distribuirem como premio nos collegios.

QUE AMOR DE CRIANÇA! pela Condessa de Ségur, brochado.. ... ... 600 rs.

A CASA DO SALTIMBANCO, por M.me Stoltz, brochado ... ... 600 rs.

INFANCIAS CELEBRES, por M.me Colet, traducção de Manuel Pinheiro Chagas, brochado . ... 600 rs.

OS DESASTRES DE SOPHIA, pela Condessa de Ségur, brochado.. ... ... 600 rs.

AS MENINAS EXEMPLARES, continuação dos desastres de Sophia brochado ... ... 600 rs.

AS FERIAS, pela Condessa de Ségur brochado . ... 600 rs.

Cada um d'estes mesmos volumes ricamente encadernado e dourado por folha, 800 réis. Franco de porte para as provincias mandando a importancia em estampilhas ou vales do correio.

22, *Rua do Thesouro Velho*, 22

LISBOA

COLLECÇÃO DE COMEDIAS ORIGINAES, MONOLOGOS, IMITAÇÕES E TRADUCÇÕES DOS MELHORES AUTHORES ESTRANGEIROS, DESTINADAS AO DIVERTIMENTO E INSTRUCÇÃO DAS CRIANÇAS DE AMBOS OS SEXOS OFFERECIDA AS MÃES DE FAMILIA E PROFESSORAS.

A Livraria editora de Madame Marie François Lallemant, tendo sempre em vista a publicação de livros de reconhecida utilidade, e vendo a falta que ha em Portugal de livros que contenham pequenos escriptos, ou comedias infantis, proprias para ser declamadas nos collegios e nas familias, desenvolvendo a boa dicção nos meninos, que se habituam a pronunciar com precisão as palavras, desembaraçando-os e habituando-os a fallar em publico, sem mal entendida timidez, adquirindo maneiras de sociedade, resolveu emprehender a publicação de pequenos livrinhos mensaes, contendo peças da mais escrupulosa escolha, e da mais delicada linguagem, de cuja elaboração se acha encarregada a nossa distincta escriptora a Sr.ª D. MARIA RITA CHIAPPE CADET.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS

Anno ou 12 numeros..... 1$000 reis.
Avulso..... 120 reis

As remessas são feitas no dia 21 de cada mez.

Para as provincias remette-se franco de porte e recebe-se a importancia em estampilhas ou vales. As assignaturas são pagas adiantadas.

IMPRESSO POR LALLEMANT FRÈRES, 1883

6, Rua do Thesouro Velho, 6, Lisboa.

PQ 9261 C533M3

Chiappe Cadet, Maria Rita
A mascarada infantil

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 10 002 9